

Linguagens descoloniais na contemporaneidade latino-americana

Rosângela Fachel de Medeiros (URI/FW– Brasil)
Alejandro de Oto (CONICET/Universidad Nacional de San Juan – Argentina)

É necessário reformular o problema da realidade cerebral, da massa cerebral de toda a humanidade, cujas conexões precisamos multiplicar, cujas redes precisamos diversificar e cujas mensagens precisamos re-humanizar.

Franz Fanon

Em 1969, os cineastas argentinos Fernando Solanas e Octavio Getino lançaram o manifesto “*Hacia un tercer cine*”, no qual, imbuídos das ideias de Franz Fanon, clamaram pela descolonização do olhar de produtores e espectadores cinematográficos latino-americanos. E propunham um enfrentamento estético, narrativo e educativo à linguagem hollywoodiana, partindo de perspectivas nacionais e regionais.

A cultura de um país neocolonizado, assim como seu cinema, são apenas expressões de uma dependência global que gera modelos e valores nascidos das necessidades da expansão imperialista. [...] Da mesma forma que não é dono da terra que pisa, o povo neocolonizado tampouco é dono das ideias que o envolvem. [...] O intelectual é obrigado a não pensar espontaneamente; e se o fizer corre o risco de pensar em francês ou em Inglês [...] Invasão cultural, colonização pedagógica, *mass communications*, confluem hoje em dia para um esforço desesperado por absorver, neutralizar ou eliminar qualquer expressão que responda a uma tentativa de descolonização. Existe por parte do neocolonialismo uma séria tentativa de castrar e digerir as formas culturais que nascem à margem de suas proposições. Tenta-se de retirar-lhes aquilo que os torna eficazes e perigosos, resumindo, trata-se de despolitizar. Ou seja, desvincular a obra das necessidades de luta pela emancipação nacional (SOLANAS, GETINO, 1969) (Tradução nossa do original em espanhol)

Quase trinta anos depois, a criação da Bienal do MERCOSUL, em 1997, origina-se dos mesmos anseios de buscar e fomentar vozes que coloquem em discussão as hegemonias artística, estética, narrativa e discursiva, destacando o fazer artístico enquanto discurso

identitário, que, no entanto, se reconfigura também através do jogo (de aproximação e de distanciamento) que estabelece com esses modelos. Posição essa, que não por acaso, levou Néstor García Canclini a afirmar em sua palestra de abertura do evento, em 2011, que aquela era a “Bienal da desglobalização”.

Desglobalizar pode se entender de duas maneiras: descumprir as promessas de integração mundial, deixando de fora a países ou vastas populações, mas também como o aproveitamento de movimentos globais para criar infraestruturas locais (físicas e humanas) que extrapolem o local. Inscrever artistas, discursos e públicos em intercâmbios mais equilibrados, modificar as maneiras de experimentar o próprio e o dos outros. Não apenas ocorria nas obras que representavam nações fictícias, mas nas demais reelaborações de bandeiras, mapas, viagens e alianças aonde emergiam “zonas de autonomia poética”. Tratava-se de imaginar as muitas maneiras de criar nossos próprio país. (CANCLINI, 2011, p. 86)

Essas duas citações que, de alguma forma, evocam passados recentes nos fazem recordar de quão densas e complexas são as histórias latino-americanas no mundo contemporâneo. Entre a citação de Solanas e Getino e a de García Canclini interpõem-se processos históricos de profundo impacto e, sobretudo, uma transformação das práticas sociais e políticas do continente. A leitura de Fanon que inspirou Solanas e Getino, característica daqueles longínquos anos sessenta, também está distante daquelas que foram cunhadas nos anos noventa do século XX, preocupadas com a heterogeneidade histórica e cultural, com o problema da diferença cultural, colonial, etc. De certa forma, a experiência estética foi marcada por debates que logo chamaríamos de “políticas de representação”, que estavam em consonância com as discussões desenvolvidas pelos críticos do colonialismo histórico, em meados do século XX, e que foram retomados pelos filósofos na metade da última década desse mesmo século. Nesse plano geral da contemporaneidade do continente, os antigos temas e problemas do colonialismo, suas tramas conceituais, seus desdobramentos discursivos e estéticos retornam sob diferentes configurações, uma e outra vez, tal como, de alguma forma, expressam as citações de Solanas-Getino *vis a vis* à de Canclini.

Este dossiê se propõe, então, a abrir espaço para a discussão de como as linguagens (artísticas, audiovisuais, literárias, midiáticas), que povoam o território e o imaginário latino-americano contemporâneo, são atravessadas por questões que se estabelecem na tensão entre colonização e descolonização, globalização e desglobalização, aculturação e transculturação; entre memórias culturais e históricas estabelecidas em domínios discursivos e emergentes; com o objetivo de discutir e analisar as “mensagens de uma Nova América”, como propôs o

título da Bienal do MERCOSUL de 2015. Assim, se propõe, também, que esse seja um espaço de convivência de diferentes maneiras de aproximação às tramas teóricas, estéticas e políticas que estão em jogo. Nesse sentido, apresenta um amplo leque de abordagens e tensões, que evidencia, de alguma forma, a complexidade da tarefa.

Abrimos esse dossiê retornando nossa proposição original, inspirada no clamor descolonial dos cineastas Solanas e Getino, apresentando artigos que discutem a relação colonialidade/descolonialidade no âmbito da construção de uma linguagem cinematográfica latino-americana.

No artigo, “Las tensiones internas entre descolonización manifiesta y colonización implícita en el cine documental de los 60: la representación de lo femenino en *La hora de los hornos*”, Carola Saenz Pardo e Paula Núñez partem de uma indagação acerca das representações do feminino no documentário *La hora de los hornos* (1968), de Fernando Solanas e Octavio Getino, para rever os limites do projeto descolonial da década de 1960. Por meio da análise do imaginário feminino no documentário em questão, os autores colocam em discussão os limites da descolonização em relação à emancipação da mulher e das dissidências sexuais. E, neste sentido, propõem uma ponte entre as indagações das linguagens descoloniais de nosso passado recente e os questionamentos descolonias da contemporaneidade como possibilidade de configuração de novos olhares epistemológicos.

Em “Las *eztetykas* de Glauber Rocha: cuerpos, cultura y figuras emergentes en la colonialidad global”, Carlos Aguirre Aguirre analisa a proposta estético-política do cineasta brasileiro Glauber Rocha a partir de seus manifestos *Eztetyka da fome* e *Eztetyka do sonho*. À análise dos textos, o autor evidencia que Rocha não respondia ao binarismo que então regia a estética dos cinemas latino-americanos. E apresentava uma noção heterogênea de modernidade latino-americana, percebendo as formas estéticas emergentes como observatórios das dinâmicas que modulavam a colonialidade.

No trabalho, “El retorno como ejercicio de memoria diferencial: una aproximación a la criticidad de la película *Lettre d’un cinéaste ou Le retour d’un amateur de bibliothèques*, de Raúl Ruiz”, María Rita Moreno retoma o “exercício de recordar” proposto por Ruiz em seu curta-metragem documental para rastrear a forma como a ordem da civilização colonial resiste e como é difícil produzir uma memória contínua e uniforme. Nesse sentido, o autor busca mostrar como o tempo filmico ruiziano modula a vinculação entre política, cultura e memória na sociedade chilena pós-ditadura.

No artigo, “Cinebruto y el derecho igualitario a ‘rodar’”, Cristina Pósleman parte da análise do filme *Vikingo* (2012) para apresenta uma articulação entre a proposta cinematográfica do coletivo Cinebruto – “construir conhecimento social” por meio de um “pacto de criação-ação coletiva” que vai “contra o método homogenizador” – e a desobediência epistêmica clamada pelo chamado “giro descolonial”.

Já em “La propuesta curatorial de *Principio Potosí* y la disidencia de *Principio Potosí reverso* o de cómo – no – cantar el canto ajeno en tierra del señor”, Catalina Sánchez leva a discussão para o campo das artes, aproximando comparativamente duas mostras artísticas que partem do Princípio Potosí – uma ligada ao colonialismo e outra que tenta romper com essa ligação – como forma de colocar em discussão o potencial epistemológico, estético e político da imagem.

Nos artigos seguintes reunimos uma variada incursão na discussão da dicotomia colonial/descolonial no contexto da literatura latino-americana.

Em “Gestos descoloniales: reverso y diseminación. Una lectura a partir de *Principio Potosí Reverso* y *Cuando sara chura despierte e Illimani púrpura*, de Juan Pablo Piñeiro”, Magdalena González Almada propõe uma análise comparada do texto curatorial da mostra *Principio Potosí Reverso* a duas novelas do escritor boliviano Juan Pablo Piñeiro. Nessa comparação, a autora propõe que o pensamento aimará, presente nessas obras, possibilita uma escritura que excede os limites postulados pelo pensamento ocidental expande a literatura escrita na Bolívia tanto em relação ao uso da sintaxe quanto a seus recursos estéticos. Já no artigo “Lope de Aguirre: aspectos do novo romance histórico latino-americano em *Daimón* (1978)”, Alcení Elias Langner e Gilmei Francisco Fleck analisam a construção livre da personagem (entre o real e o ficcional) desfragmentada em sua figura anti-heroica, como resultado da perspectiva do novo romance histórico latino-americano.

A busca pelos rastros dos processos descoloniais, estéticos e conceituais, nos romances de Joao Gilberto Noll é a proposta do artigo de Mayana Rocha Soares, “Processos de descolonização na literatura de João Gilberto Noll: transgressões no sexo e na língua”, que reconhece a subversão linguística da gramática realizada pelo autor como uma ação de resistência aos processos de assimilação cultural e simbólico. Já Alcione Correa Alves, no artigo “Violência epistêmica e enunciação de sujeitas negras em uma interpretação de Nancy Morejón”, apresenta uma interpretação da enunciação das mulheres negras no continente americano no poema “Mujer negra”, de Nancy Morejón.

E as performances dos Brô MC's, grupo de rappers Guarani-Kaiowá, em seus videoclipes são o objeto de análise do artigo “O *RAP* em performance resistindo à colonialidade no Brasil: os Brô Mc's”, de Sofia Robin Ávila da Silva, Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e Daniel Conte, que as apresenta como possibilidade de compreender o caráter crítico e intercultural das produções de diferentes povos originários do Brasil.

Fechamos o dossiê com o artigo “Pensar o fim do desenvolvimento sem as certezas de extremas outridades”, de Eduardo Restrepo, no qual o autor retoma uma discussão teórico-crítica acerca da configuração hegemônica da ideia de “desenvolvimento”, propondo uma nova perspectiva que reavalie a necessidade de que tal crítica ao conceito esteja alicerçada ao contraponto a outridades extremas (indígenas e afro-descendentes), enquanto representações de um modelos ideais/originários de vida e de bem-estar.

Respondendo à temática do dossiê, Belén Ciancio apresenta a resenha/ensaio acerca de “El taller de sociología de la imagen de Silvia Rivera Cusicanqui, organizado por Silvia Rivera Cusicanqui e realizado no Tambo do Colectivx Ch'ixi, na cidade de La Paz, Bolívia, em janeiro de 2017.

A diversidade de linguagens, bem como de perspectivas de análise para abordá-las, apresentada na coletânea de artigos que compõe esse dossiê revela a transversalidade da questão descolonial na América Latina contemporânea. Mais do que respostas, os artigos aqui apresentados propõem questionamentos e reflexões, instigando a novas miradas e a uma grande diversidade epistêmica que tenta evocar a heterogeneidade do presente. O resultado de nossa convocatória reforça nosso entendimento de que os problemas e temas referentes ao colonialismo e à descolonização seguem tendo um alto impacto nas agendas das ciências sociais, das humanidades e das artes na América Latina, que merece ser pensado e debatido.

Nesse sentido, levando em conta o momento histórico que vivemos, apresentamos esse dossiê como uma espécie de mostra e modesto manifesto (assinalando o caráter moderna do gênero) de fomento à crítica descolonizadora como uma alternativa válida perante aos padrões dicotômicos articulados nas modernas tramas coloniais. Pensamos essas discussões como exercícios que não se propõem, por exemplo, a exorcizar as tradições críticas europeias, mas sim, a pensá-las na relação que conjectura um desdobramento estético e teórico na *diferença colonial*.

Quando Fanon escrevia sobre o problema da descolonização, ele não o reduzia a uma simples compilação de atos destinados a obter independência política, mas imaginava a

descolonização como um processo heterogêneo de criação e invenção da diferença, de emergências e de questionamento de todos os pressupostos, por melhor fundamentados que fossem. Essa mesma atitude está expressa nas perspectivas estéticas e epistemologias das evocações e análises apresentadas pelos trabalhos aqui reunidos. E se isso fizer com que algo nas profusas tramas das colonialidades e modernidades que nos constituem seja afetado, nosso objetivo foi alcançado.

Boa leitura!

Referências

CANCLINI, Néstor G. “A Bienal da desglobalização”. *Revista Porto Alegre*: Porto Alegre, v.18, n.31, novembro, 2011. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/viewFile/37941/24441> Acessado em 11/06/2017

SOLANAS, Fernando; GETINO, Octavio. “Hasta un tercer cine”. Disponível em:

<http://www.rua.ufscar.br/hacia-un-tercer-cine/> Acessado em: 12/06/2017